



O NAZISMO E AS DIMENSÕES INSTITUCIONAIS DA MODERNIDADE

NAZISM AND THE INSTITUCIONAL DIMENSION OF MODERNITY

NAZISMO Y LAS DIMENSIONES INSTITUCIONALES DE LA MODERNIDAD

Victor Sérgio Freire Araújo¹
Francisco Jameli Oliveira Reinaldo²

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca do fenômeno do nazismo a partir do desenvolvimento das dimensões institucionais da modernidade na Alemanha dos séculos XIX e XX. Destacamos como relevantes algumas características: a fragilidade do monopólio estatal da violência, a importância do poder militar, a ausência de pacificação no âmbito interno e a formação de uma burguesia com valores aristocráticos, após o processo de unificação tardia. A realização desta pesquisa bibliográfica possui como principais arcabouços teóricos as obras *As consequências da modernidade*, de Anthony Giddens, e *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*, de Norbert Elias. A reflexão analítica realizada nesta pesquisa discute a hipótese de que um desenvolvimento anômalo das dimensões institucionais da modernidade é, em grande medida, um dos fatores que consolidaram na Alemanha dos séculos XIX e XX traços intensos de um Estado pré-moderno, que, por sua vez, configuraram-se em aspectos cruciais para viabilizar a ascensão do nazismo nesse país.

Palavras-chaves: Modernidade. Nazismo. Estado-nação.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the phenomenon of Nazism from the development of the institutional dimensions of modernity in Germany in the 19th and 20th centuries. We highlight some relevant characteristics: the fragility of the state monopoly on violence, the importance of military power, the absence of pacification at home and the formation of a bourgeoisie with aristocratic values, after the process of late unification. The realization of this bibliographic research has as main theoretical frameworks the works *The consequences of modernity*, by Anthony Giddens, and *The Germans: The struggle for power and the evolution of habitus in the 19th and 20th centuries*, by Norbert Elias. The analytical reflection carried out in this research discusses the hypothesis that an anomalous development of the institutional dimensions of modernity is, to a large extent, one of the factors that consolidated in Germany

¹ Graduação em Ciências Econômicas Pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Sociedade (GEPE). Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: victorsergiofa@gmail.com

² Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: dulittle@hotmail.com

in the 19th and 20th centuries intense traits of a pre-modern State, which, in turn, time, they were configured in crucial aspects to enable the rise of Nazism in that country.

Keywords: Modernity. Nazism. Nation-state.

RESUMEN

Este artículo propone una reflexión sobre el fenómeno del nazismo a partir del desarrollo de las dimensiones institucionales de la modernidad en Alemania en los siglos XIX y XX. Destacamos algunas características relevantes: la fragilidad del monopolio estatal sobre la violencia, la importancia del poder militar, la ausencia de pacificación en el hogar y la formación de una burguesía con valores aristocráticos, después del proceso de unificación tardía. La realización de esta investigación bibliográfica tiene como marco teórico principal las obras *Las consecuencias de la modernidad*, de Anthony Giddens y *Os Alemães: La lucha por el poder y la evolución del habitus en los siglos XIX y XX*, de Norbert Elias. La reflexión analítica realizada en esta investigación analiza la hipótesis de que un desarrollo anómalo de las dimensiones institucionales de la modernidad es, en gran medida, uno de los factores que consolidó en Alemania en los siglos XIX y XX los rasgos intensos de un Estado premoderno, que, a su vez, con el tiempo, se configuraron en aspectos cruciales para permitir el surgimiento del nazismo en ese país.

Palabras Clave: Modernidad. Nazismo. Estado-nación.

INTRODUÇÃO

O presente texto tenciona analisar o papel do desenvolvimento das dimensões institucionais da modernidade na Alemanha dos séculos XIX e XX, à luz da ascensão do nazismo nesse país. Na obra *As consequências da modernidade* (1991), Giddens, ao desenvolver uma análise institucional da modernidade com ênfases cultural e epistemológica, questiona a definição conceitual de Lyotard que caracteriza a pós-modernidade como o fim das grandes narrativas e aponta que “em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (GIDDENS 1991, p. 13).

Enquanto Giddens apresenta a modernidade e suas consequências – vale dizer, segundo ele, ainda não vivenciamos a experiência da pós-modernidade, mas a extensão da experiência moderna para o globo –, como um fenômeno de impacto globalizante, Elias, em *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX* (1997), analisa especificamente como determinados fatos históricos da Alemanha culminaram na ascensão do nazismo. Esse evento, por sua vez, revelou, no seio da Europa, a ruína do sonho iluminista e positivista dos séculos anteriores.

Giddens (1991, p. 19) destaca, dentre outras coisas, o caráter bélico do século XX. O autor o descreve como “o século da guerra, com um número de conflitos militares sérios envolvendo perdas substanciais de vidas, consideravelmente mais alto do que em qualquer um dos dois séculos precedentes”. A análise de Elias concentra-se nos eventos que revelam o “lado

sombrio” da modernidade, modernidade esta que Giddens classifica como um fenômeno ambivalente:

O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas a modernidade tem também um **lado sombrio**, que se tornou muito aparente no século atual. (GIDDENS, 1991, p. 17, grifo nosso).

O lado sombrio da modernidade, fenômeno que Giddens enfatiza, alude ao desenvolvimento das forças produtivas da técnica que encobre, não totalmente, o lado sombrio do desenvolvimento concomitante de nossas forças destruidoras. Se, por um lado, a técnica se desgarra do modo artesanal de produzir, anterior à revolução industrial, de pouco impacto, demonstrando avanço, por outro, os rastros destrutivos desse mesmo avanço se fazem notar.

Giddens destaca, neste sentido, que o binômio segurança e perigo está intimamente relacionado ao desenvolvimento das instituições sociais modernas, isto é, ao mesmo tempo em que o progresso da técnica garantiu a possibilidade de manipular a natureza, evocou forças que ultrapassaram o domínio de nossas previsões.

De modo análogo, Elias ilustra a presença da dualidade segurança-perigo nas invenções sociais modernas:

Tal como a descoberta do fogo permitiu que o alimento fosse cozido, assim como a destruição de cabanas e casas pelas chamas; tal como a invenção da metalurgia acarretou grande progresso na agricultura e na guerra; tal como a energia atômica pôde ter um uso pacífico como fonte energética e ser uma arma terrível, também **as invenções sociais são bifrontes**. (ELIAS, 1997, p. 162, grifo nosso).

Elias, destacando a ambivalência na citação acima, em certa medida diverge das interpretações dos sociólogos clássicos, Marx, Durkheim e Weber, que, segundo Giddens, desenvolveram uma avaliação positiva da sociedade moderna. Neles, “no todo, ‘o lado da oportunidade’ da modernidade foi mais fortemente enfatizado” (GIDDENS, 1991, p. 17). Giddens aponta que nem mesmo Max Weber, o mais pessimista dos três fundadores clássicos da sociologia, conseguiu antever o lado sombrio da modernidade (GIDDENS, 1991, p. 17). Não sem motivos, pode-se notar que nos séculos anteriores ao século XX a técnica aparentemente revelava mais o lado da oportunidade que seu potencial destrutivo.

Em *Os alemães*, já motivado pelos eventos que ocorreram no século XX, Elias aponta o perigo e a insegurança como elementos de destaque presentes na sociedade moderna. Ele ressalta como a civilização está sob constante ameaça e como os padrões mais civilizados da vida em sociedade são vulneráveis (ELIAS, 1997, p. 161). A defesa deles depende de condições específicas, como estabilidade econômica e ausência de conflitos internos. Na ausência desses padrões, o processo civilizatório revela intensas fragilidades.

Convergindo com essa análise, Giddens (1991, p. 18) destaca que o totalitarismo e os conflitos do século XX, vistos como eventos catastróficos e imprevisíveis, na verdade, desvelam o lado “sombrio” da modernidade e, por isso mesmo, não estão fora de seus parâmetros. Se o terror totalitário emerge no quadro Europa como um evento catastrófico de proporções inimagináveis para épocas anteriores ao desenvolvimento da técnica moderna, os germes totalitários se instauram no âmago do desenvolvimento dessa mesma técnica. Se as duas grandes guerras com a carnificina dos campos de concentração e a invenção da bomba atômica possibilitaram a dizimação de grandes populações em proporções inimagináveis, se comparadas aos conflitos que as antecederam, é à própria técnica que podemos atribuir esse feito.

Segundo Giddens, o mundo moderno “é um mundo carregado e perigoso. Isto tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura.” (GIDDENS, 1991, p. 20). A ideia de refletir sobre o polo mais pessimista do binômio segurança e perigo assume uma força heurístico-interpretativa com a escalada autoritária que nosso país enfrenta e que atingiu seu clímax com a eleição do presidente Bolsonaro. Embora este cenário não seja explicitamente tematizado, é este pano de fundo que motiva a presente escrita.

O artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução. Na segunda seção, lista-se e conceituam-se as quatro dimensões institucionais da modernidade. Em seguida, realiza-se a análise da Alemanha do século XIX, sobretudo o processo de unificação e suas implicações nas dimensões da vigilância e do poder militar. Por fim, descreve-se o processo de assimilação de valores aristocráticos, sobretudo o *ethos* guerreiro, por setores da burguesia.

Na terceira seção, discutimos as consequências desse processo de aburguesamento dos valores aristocráticos, descritos e analisados na seção anterior, na primeira guerra mundial. Analisa-se também como o sentimento de frustração com o resultado da guerra e a emergência de setores sociais que antes estavam à margem impactaram no declínio do monopólio da violência do Estado alemão.

Na quarta seção, o texto desenvolve a problemática da ascensão do nazismo, a atuação da Freikorps logo após a primeira guerra mundial e o papel dos seus antigos membros para culminar na chegada de Hitler ao poder é destacado como essencial.

Na quinta e última seção, são feitas as considerações finais visando expor como resquícios pré-modernos derivados dos impactos dos fatos históricos da Alemanha dos séculos

XIX e XX nas dimensões institucionais da modernidade possuem relação com a ascensão do nazismo.

A ALEMANHA DO SÉCULO XIX E A MODERNIDADE

As quatro dimensões institucionais da modernidade em Giddens (1991, p. 71) são a vigilância: controle da informação e supervisão social; capitalismo: acumulação de capital no contexto de trabalho e mercado de produtos competitivos; industrialismo: transformação da natureza e desenvolvimento do "ambiente criado"; e poder militar: controle dos meios de violência no contexto da industrialização da guerra.

Para início de reflexão, o primeiro evento histórico analisado é a unificação da Alemanha em Estado-nação. Semelhante ao que ocorreu na Itália, com disputas internas entre pequenos reinados, Elias (1997, p. 165) enfatiza o impacto da unificação tardia na Alemanha: “o sentimento de que o império alemão foi, por largo tempo, um Estado fraco e ocupou uma posição relativamente baixa na hierarquia dos Estados europeus ainda prevalece no desenvolvimento da Alemanha”.

Antes da primeira guerra prevaleceu o sentimento de que as disputas internas frustravam as esperanças de desenvolvimento de um Estado forte, como o primeiro reich milenar, entre os séculos X e XIX. Pairava sobre a autoimagem dos alemães a sensação de que haveria ocasião de se tornarem novamente um reich milenar na vanguarda da civilização europeia. O autor aponta que pequenos conflitos eram muito mais presentes nos séculos anteriores ao século XIX e destaca que a pacificação social alemã não ocorreu de maneira ocasional, mas por conta, sobretudo, da monopolização da força, que é característica do Estado-nação.

A criação de espaços sociais duradouramente **pacificados** está ligada à organização da vida social na forma de Estados. Um aspecto desse problema foi examinado pela primeira vez por Max Weber. Sublinhou ele que os Estados são caracterizados pelas pessoas que são seus governantes e que, em qualquer época dada, reivindicam para si mesmas o monopólio da força física. Isso significa que vivemos numa forma de organização social onde os governantes têm à sua disposição grupos de especialistas que estão autorizados a usar a força física em emergências e também a impedir outros cidadãos de fazerem o mesmo. Essa **monopolização da força** pode ser descrita como uma invenção sócio-técnica da espécie humana. (ELIAS, 1997, p. 162, grifo nosso).

A dinâmica da formação dos estados modernos aponta que duas dimensões institucionais da modernidade estão envolvidas diretamente com o monopólio da força física: a vigilância e o poder militar. Esta relação entre vigilância e poder militar obscurece as tensões sempre presentes nos estados anteriores ao desenvolvimento da modernidade, mas também presentes nos estados modernos. É instrutivo que o século passado, quando aparentemente a

violência se cristalizava como monopólio dos Estados, tenha revelado as tensões mais explosivas.

Isto porque, segundo Elias, é preciso considerar a vigilância e o poder militar como sintomas de uma sociedade violenta, mesmo em tempos de aparente calma, os desastres políticos do século XX revelam isto. Os mecanismos de vigilância e violência do estado não neutralizam a pulsão violenta dos indivíduos, apenas obscurecem a percepção e invertem a ordem do problema. Segundo Elias (1997, p. 161), a questão não é como podemos viver em sociedade e agredir fisicamente e matar nossos semelhantes? – como se isto fosse um evento atípico, – mas “como é possível que tantas pessoas consigam viver normalmente juntas em paz, sem medo de ser atacadas ou mortas por pessoas mais fortes do que elas, como é hoje em dia o caso, em grande parte, nas grandes sociedades-Estado da Europa, América, China ou Rússia?”.

Giddens estabelece a relação entre as duas dimensões institucionais da modernidade, vigilância e poder militar, que se referem ao seu envolvimento na manutenção da monopolização da força.

A vigilância, por sua vez, é fundamental a todos os tipos de organização associados à ascensão da modernidade, em particular o Estado-nação, que se entrelaça historicamente com o capitalismo em seu desenvolvimento mútuo. Da mesma forma, há vínculos substantivos íntimos entre as operações de vigilância dos Estados-nação e a natureza alterada do poder militar no período moderno. (GIDDENS, 1991, p. 71).

A vigilância associada ao poder militar, na modernidade, são os elementos principais para a consolidação do monopólio da força física num Estado-nação. Na Alemanha, o processo histórico de unificação, movimento propulsor da dualidade segurança-perigo, característica da modernidade, pendeu em favor do lado do perigo, segundo Elias³. A unificação tardia provocou nos alemães um sentimento de perda, compensada pela exigência de inserir a Alemanha em posição de destaque no conjunto dos estados-nação da Europa.

A vigilância refere-se à supervisão das atividades da população pelo monopólio político da força (GIDDENS, 1991, p. 69). A supervisão das atividades é o traço que proporciona a pacificação social quando combinada ao poder militar. Sobre o poder militar nas sociedades pré-modernas Giddens esclarece que:

O poder militar foi sempre um traço central das **civilizações pré-modernas**. Naquelas civilizações, contudo, o centro político nunca foi capaz de assegurar apoio militar estável e tipicamente não conseguiu garantir um controle monopolizado dos meios de violência dentro de seus territórios. A força militar das autoridades governantes

³ “No lugar dos sentimentos de inferioridade nacional, cujas raízes eram, com frequência, muito profundas, surgiam agora os sentimentos fortemente enfatizados de grandeza e poderio nacionais. O caminho para o status de grande potência estava aberto para a Alemanha unificada e, como é usualmente o caso nas lutas de poder e prestígio entre Estados, a determinação de lutar pela supremacia decorreu muito rapidamente disso. O pêndulo foi do extremo de humilhação para o extremo de exultação e, assim, um número crescente de membros dos estratos dirigentes da Alemanha sentiu que seu país tinha de estar preparado para a luta pela hegemonia na Europa, senão no mundo.” (ELIAS, 1997, p. 165-166).

dependia de alianças com príncipes ou senhores da guerra locais, que tendiam sempre ou ao rompimento com ou ao desafio direto aos grupos governantes. (GIDDENS, 1991, p. 70, grifo nosso).

A importância que as civilizações pré-modernas atribuíam ao poder militar e o fato de que a unificação da Alemanha foi possível graças a uma série de vitórias em guerras (ELIAS, 1997, p. 166), notadamente na guerra franco-prussiana, entre 1870 e 1871, intensifica ainda mais o pêndulo para o lado perigo. A unificação sob a égide dos conflitos, que elevou à posição de protagonismo a nobreza guerreira, traria consequências significativas. Elias afirma que a vitória “sob a liderança de uma aristocracia de corte e militar significou, ao mesmo tempo, uma derrota social da burguesia alemã na luta interna contra a supremacia da nobreza e teve **consequências** da maior importância para **as atitudes políticas e sociais da classe média alemã**” (ELIAS, 1997, p. 166, grifo nosso).

A consequência desse processo é a formação de um *ethos* guerreiro através de uma mudança nos códigos de comportamento dos segmentos mais importantes da burguesia alemã: “setores da classe média alemã foram absorvidos pelos estratos superiores da sociedade e adotaram destes **o ethos guerreiro**” (ELIAS, 1997, p. 167, grifo nosso). Se para as sociedades modernas o monopólio político da força por parte do Estado tende a minorar as tensões entre os indivíduos, para os alemães, em consequência do desenvolvimento tardio, esse controle afrouxado, estimulado pela formação do *ethos* guerreiro, assume o polo oposto da tensão em favor da afirmação da violência.

Elias explica que o código aristocrático foi transformado. O *ethos* guerreiro foi aburguesado. O que se tratava antes de um comportamento vinculado à tradição e pouco refletido passou a ser cultivado de forma mais consciente e refletida. O momento híbrido trata-se, então, da incorporação de valores aristocráticos por parte de segmentos da burguesia. Essa, por sua vez, ao incorporar tais valores, os modificou. O traço significativo disso é que a guerra e a violência eram tidas como instrumentos políticos efetivos. Elias aponta como isso se refletiu na literatura e em outras práticas sociais:

Quando se leva em consideração os livros dessa época, sobretudo os romances do período guilhermino, quando se leva em consideração a prática do duelo por estudantes burgueses de acordo com os códigos unificadores de honra das associações estudantis primordialmente burguesas ou aristocráticas, ou ainda quando se considera o status especial dos oficiais de reserva de classe média ou dos conselheiros privados de origem burguesa em uniforme da corte, então pode-se facilmente reconhecer o processo de incorporação das classes médias altas na aristocracia e na corte. (ELIAS, 1997, p. 167-168).

Por que os valores aristocráticos passaram a ser usados de maneira mais consciente e com mais reflexão por segmentos da burguesia? Giddens (1991, p. 49) aponta que “a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são

constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”. Que eventos contribuíram para a afirmação do *ethos* guerreiro na Alemanha do século XX?

O DECLÍNIO DO MONOPÓLIO DOS MEIOS DE VIOLÊNCIA

Os jovens alemães encontravam-se moralmente fortalecidos com a eclosão da primeira guerra mundial. O resultado disso é que muitos deles foram para os campos de batalha em 1914 com a ideia de que a guerra era um evento maravilhoso. (ELIAS, 1997, p. 168). No entanto, a consequência foi um choque traumático. A exaltação da guerra contrastava com as condições degradantes das experiências do front. Contra o ideal guerreiro de demonstração de virilidade cultivado nos duelos da Alemanha do século XIX e expresso numa palavra desdenhosa cujo rigor desafia a tradução, *schadenfreude*⁴, alegria diante do sofrimento do fraco, emerge o sentimento de que a guerra revela o lado mais aviltante da existência humana.

A partir da primeira guerra mundial, nas palavras de Benjamin, emerge a noção de que “uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, **sobrepondo-se ao homem**” (BENJAMIN, 1994, p. 115, grifo nosso), não apenas pela enorme quantidade de mortos, mas porque cai por terra a crença cega no ideário iluminista. A guerra ensina-nos que não somos capazes de controlar as forças destruidoras que nós mesmos criamos. A primeira guerra revela outro cenário: por meio dela, quase tudo havia mudado. “Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o **frágil** e **minúsculo** corpo humano” (BENJAMIN, 1994, p. 115, grifo nosso).

Erich M. Remarque soube corretamente transmitir este sentimento no romance anti-guerra *Nada de novo no front*, para muitos, visto como algum tipo de traição (Cf. ELIAS, 1997), ao remover a crosta de heroísmo, por vezes galvanizada nas expressões perplexas e desesperadoras de jovens despreparados, morrendo e matando-se aos montes, sem sequer terem consciência das motivações do conflito.

O relato do protagonista, que se confunde com as experiências do próprio autor, quando presencia o sofrimento “inimigo”, causado por ele, é ilustrativo:

Que horas atroz! O estertor começa: como o ser humano morre lentamente. De uma coisa estou certo: ele não pode ser salvo. [...] esta esperança foi destruída, desfez-se diante dos seus gemidos. [...] À tarde, atinjo o limite dos pensamentos. A fome me

⁴ Assim que fosse dada a menor prova de fraqueza, estava tudo perdido. Portanto, era uma boa coisa exhibir a própria força. Quem mostrasse fraqueza merecia ser expelido; quem fosse vulnerável merecia ter sal esfregado em suas feridas – e *schadenfreude*, essa intraduzível palavra alemã. (ELIAS, 1997, p. 110).

devora: é tanta, que sinto vontade de chorar, não consigo lutar contra isto. Por várias vezes vou buscar mais água para o moribundo, e eu mesmo bebo também. Este é o primeiro homem que matei com minhas próprias mãos, e cuja morte, posso constatá-lo sem sombra de dúvida, foi obra minha. Kat, Kropp e Müller também já viram homens a quem mataram: isto acontece a muita gente, principalmente em combate corpo a corpo..., mas cada respiração arquejante corta o meu coração. Este ser que agoniza tem o tempo do seu lado, possui um punhal invisível, com que me fere: o tempo e meus pensamentos. Quanto não daria eu para que se salvasse! É duro ficar deitado aqui, sendo obrigado a ver e ouvi-lo. (REMARQUE, 1981, p. 177-178).

Vale notar que o que subjaz ao relato é a compreensão de que a técnica, no cenário da guerra, é desumanizadora. O protagonista, de arma empunhada, combatia uma abstração, um inimigo. Este mesmo protagonista, diante de um inimigo real, do primeiro homem que matou – “com minhas próprias mãos”, esclarece o autor, –, envergonha-se do que, noutra contexto, seria motivo de condecoração. Na literatura, Remarque reafirma o que Benjamin havia notado, o desenvolvimento da técnica em detrimento do frágil e minúsculo corpo humano.

Com o fim da guerra e a volta dos combatentes dos fronts, humilhados, com sorte, mutilados, se atingidos em confronto, uma nova situação se estabelece. Setores anteriormente à “margem” viriam a ascender ao poder na Alemanha, principalmente as organizações de trabalhadores.

Uma melhor compreensão do desenvolvimento, tanto da Alemanha quanto do terrorismo, no período da Primeira República alemã será possível se tivermos em mente um claro perfil das estruturas intra- e interestatais de poder na época e o modo como foram vivenciadas. A instituição guilhermina, a *satisfaktionsfähige Gesellschaft*, agora ampliada pela inclusão dos estratos mercantis e empresariais previamente excluídos, sofrerá uma derrota interna e uma externa. Não estava simplesmente preparada para aceitar a situação assim criada. (ELIAS, 1997, p. 170).

De fato, as dimensões institucionais da modernidade mais impactadas no processo da tardia unificação alemã foram a vigilância e o poder militar. No entanto, o capitalismo e o industrialismo, apesar de serem, inicialmente, pouco impactados com a assimilação do *ethos* guerreiro, característico da aristocracia, por parte de setores da burguesia, tendo em vista que essa última é uma classe social constituinte da estrutura do capitalismo, com a ascensão dos estratos mercantis e empresariais na sociedade alemã após a primeira guerra mundial, o impacto torna-se mais intenso. Essas duas últimas dimensões institucionais da modernidade, o capitalismo e o industrialismo, Giddens as define dessa forma:

O capitalismo é um sistema de produção de mercadorias, centrado sobre a relação entre a propriedade privada do capital e o trabalho assalariado sem posse de propriedade, esta relação formando o eixo principal de um **sistema de classes**. O empreendimento capitalista depende da produção para mercado competitivos, os preços sendo sinais para investidores, produtores e consumidores.

.....
A característica principal do industrialismo é o uso de fontes inanimadas de energia material na produção de bens, combinado ao papel central da maquinaria no processo de produção. Uma "máquina" pode ser definida como um artefato que realiza tarefas empregando tais fontes de energia como os meios de suas operações. O industrialismo pressupõe a organização social regularizada da produção no sentido de coordenar a

atividade humana, as máquinas e as aplicações e produções de matéria-prima e bens. (GIDDENS, 1991, p. 67-68, grifo nosso).

Estratos dominantes antes da primeira guerra mundial passaram a rivalizar com grupos ascendentes. A organização que melhor representa os estratos dominantes é a Freikorps. Umberto Eco (1992, p. 23), aponta a frustração individual ou social como característica do *Ur-Fascismo*, fascismo eterno. Dessa forma, os fascismos históricos têm apelado para “as classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos”. Era precisamente esse o caso da Alemanha depois da primeira guerra.

A primeira guerra mundial desestruturou parte do poder militar alemão. Esse, por sua vez, tendeu a organizar-se como poder militar independente do controle do Estado. O combate entre a Freikorps e os grupos ascendentes, organizações de trabalhadores, resultaram na fragilidade do monopólio da violência da República de Weimar. Ambos buscavam realizar objetivos políticos através do uso da força militar.

Giddens destaca o papel das forças armadas em um contexto de monopólio bem-sucedido dos meios de violência:

O monopólio bem-sucedido dos meios de violência por parte dos Estados modernos repousa sobre a manutenção secular de novos códigos de lei criminal, mais o controle supervísório de "desvios". O exército se torna uma retaguarda relativamente remota da hegemonia interna das autoridades civis, e as forças armadas em sua maior parte "apontam para fora" em direção aos outros Estados. (GIDDENS, 1991, p. 72).

Era caótica a situação da Alemanha com relação ao monopólio dos meios de violência no período da república de Weimar. “Assim, é muito mais do que uma metáfora literária quando, considerando em retrospecto o período de Weimar, fala-se de uma crescente ‘paralisia’ do monopólio estatal da violência, ou de uma crescente ‘erosão’ do Estado alemão de dentro para fora” (ELIAS, 1997, p. 203).

Elias aponta o artificialismo da república de Weimar contra o pano de fundo da história recente da formação do *ethos* guerreiro, que persistiu, a despeito das experiências frustrantes dos combatentes na primeira guerra. Elias (1997, p. 178) esclarece ainda que “a existência da Freikorps e sua atuação colocava em ‘xeque’ o sistema administrativo da república de Weimar. Os homens dos Freikorps não se sentiam realmente no dever de prestar contas a quem quer que fosse, exceto ao seu próprio grupo”.

Segundo Giddens (1991, p. 69), “nenhum dos Estados pré-modernos foi capaz de se aproximar do nível de coordenação administrativa desenvolvido no Estado-nação”. Traços de um Estado pré-moderno podem ser notados nesse contexto histórico da Alemanha devido ao declínio do monopólio estatal da violência, que é, como dito anteriormente, característico de

um Estado-nação, além do *ethos* guerreiro estimulado pela unificação tardia da Alemanha e potencializado pelo sentimento de revanchismo causado pela humilhação da derrota na primeira guerra e o consequente artificialismo da república de Weimar.

A ASCENSÃO DO NAZISMO

Como a ascensão do nazismo pode ser compreendida dentro desse contexto? Elias (1997, p. 176) explica que “foi afirmado, de fato, não sem justificação, que a ascensão de Hitler ao poder dificilmente teria sido possível sem a contribuição organizacional e militar dos antigos membros dos Freikorps”. A Alemanha pós-guerra, a despeito das experiências desmoralizadoras do front, continuou cultivando o ideário guerreiro, mesmo porque as sanções a ela impostas ofuscaram a experiência degradante da guerra em vista da desmoralizante condição de miséria propiciada pela derrota. Ademais,

A maior parte dos estados agrários se baseava de maneira bem direta no poder militar. Como foi mencionado anteriormente, nesses estados, o monopólio do controle dos meios de violência por parte das autoridades governamentais estava sempre longe de ser completo. Tais estados não estavam nunca internamente pacificados pelos padrões dos estados-nação modernos. (GIDDENS, 1991, p. 119)

Os membros da Freikorps opunham-se à “política pacifista” da República de Weimar e suas ações tinham como anseio resgatar a importância do poder militar. Umberto Eco (1992, p. 23-24) destaca outra característica do fascismo eterno, a aversão ao pacifismo: “Para o Ur-Fascismo não há luta pela vida, mas antes ‘vida para a luta’. Logo, o pacifismo é conluio com o inimigo; o pacifismo é mau porque a vida é uma guerra permanente”. O acordo pós-guerra, pois, frustrou os planos de um *ethos* guerreiro, por muito tempo cultivado nas disputas internas da Alemanha não unificada.

Já tivemos ocasião de destacar que a formação do *ethos* guerreiro guarda íntima relação com o desenvolvimento tardio da Alemanha. Resta acrescentar que o ideal racista associado ao nacionalismo, a crença na superioridade da raça ariana, também é devedor deste *ethos* e fruto do mesmo desenvolvimento tardio. Se outros países tinham uma formação geográfica sólida pela qual permaneciam vinculados, a Alemanha recorreu ao romantismo de uma suposta nobreza guerreira para assegurar o mesmo sentimento de unidade. Arendt (2012, p. 242) diz que “a ideologia racista na Alemanha só se desenvolveu após a derrota do velho exército prussiano ante Napoleão. Seu surgimento foi obra dos patriotas prussianos e do romantismo político, e não da nobreza de seus porta-vozes”. Daí o porquê de o passo seguinte ter sido eleger os judeus, o povo pária na sociedade alemã, como alvo.

A disciplina e a obediência de cadáver – *Kadavergeharsam* – (Cf. ELIAS, 1997, p. 338) cultivada na Alemanha de passado militarista, associada ao sentimento de orgulho ferido, abriu

espaço para o surgimento da figura do líder. A república de Weimar desenvolveu-se artificialmente ante o passado militarista dos alemães. Hitler, da velha guarda militar da primeira guerra, viu o caminho abrir-se ante seus pés.

A descrição do contexto histórico da ascensão do nazismo pode erroneamente enveredar para a rotulação da Alemanha como uma nação protototalitária. Arendt parece não investir tanto na análise dos eventos históricos que propiciaram o surgimento do nazismo, não tanto porque se prenda a “teses genéricas”, nas palavras de Dunning e Mennell (1997, p. 11), mas porque procurou evitar o estereótipo da existência de uma mentalidade pro totalitária no povo alemão. Ademais, como lembra Bauman (1998, p. 14), é cômodo atribuir aos alemães a culpa pelo holocausto e negar que este é um problema da nossa civilização, não apenas de um país, e evitar pôr em dúvida o modo de vida de que tanto nos orgulhamos, os ganhos, alega-se, de uma nação civilizada.

Se o passado militarista e nazista é, aparentemente, um fenômeno superado, compreender as motivações do surgimento do nazismo contribui para ligar o sinal de alerta contra o surgimento de novas ditaduras, totalitárias ou não. É unicamente por isso que é necessário avaliar os elementos que se cristalizaram no totalitarismo alemão, não para culpá-los, mas para compreender a realidade e *resistir* a ela (ARENDR, 2012, p. 12). A despeito do aparente progresso das instituições democráticas, os tempos sombrios do século passado ainda ofuscam o século atual.

Para evitar a desfortuna de atribuir à Alemanha apenas o rótulo de uma sociedade totalitária precisamos estar alerta, pois os germes do nazismo podem estar presentes em nosso meio, basta uma ocasião oportuna para se manifestarem, e “as soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem” (ARENDR, 2012, p. 610).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão e análise efetuada neste artigo direciona-se a uma percepção que considera o nazismo na Alemanha como um fenômeno que está contido nos parâmetros da modernidade foi viabilizado, sobretudo, por impactos nas dimensões institucionais da modernidade nesse país. Tais impactos fizeram com que resquícios de traços pré-modernos permeassem a Alemanha do século XIX, por conta da importância que a sociedade alemã, sobretudo segmentos da burguesia, atribuiu ao poder militar e o simbolismo em torno dele após o processo de unificação.

Posteriormente, no século XX, a fragilidade do monopólio da violência do estado alemão resultante da insatisfação dos estratos dominantes antes da primeira guerra mundial com setores ascendentes, sobretudo empresariais e mercantis, demonstra que estes resquícios estavam presentes de maneira mais significativa do que se imaginava. Os resquícios pré-modernos refletem de forma mais clara as relações entre o nazismo e o desenvolvimento das institucionais da modernidade na Alemanha.

Ao caracterizar o surgimento do nazismo no seio da humanidade europeia, na república de Weimar, vista frequentemente como modelo de regime constitucional, não queremos, como foi dito, atribuir aos alemães a culpa pelo nazismo, culpa que, pelo extermínio sistemático, é irreparável e que pode aflorar em qualquer forma de governo que crie condições para o desenvolvimento de outro domínio totalitário. Ao avaliar a tensão explosiva entre segurança e perigo na sociedade moderna precisamos pensar se efetivamente vivemos em uma sociedade pós-moderna e questionar em que medida somos realmente modernos. Para usar uma metáfora benjaminiana, é preciso refletir se o que nós chamamos de progresso não é erguido sobre o monte de escombros.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DUNNING, Eric; MENNELL, Stephen. **Prefácio à edição inglesa**. In: ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

Recebido: 00/00/0000

Aceito: 00/00/0000